

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

JANEIRO DE 1860

Nº 1

O Espiritismo em 1860

Temos o prazer de anunciar que a *Revista Espírita* dá início ao seu terceiro ano de circulação, amparada pelos mais favoráveis auspícios. É com satisfação que aproveitamos o ensejo para testemunhar aos leitores a nossa gratidão pelas provas de simpatia que temos recebido diariamente. Só isso já seria motivo suficiente de encorajamento, caso não encontrássemos, na própria natureza e no objetivo de nossos trabalhos, larga compensação moral às fadigas que lhes são conseqüentes. Tal é a multiplicidade desses trabalhos, aos quais nos consagramos inteiramente, que se torna impossível responder a todas as cartas de felicitações que nos chegam. Somos, pois, obrigados a dirigir-nos coletivamente aos seus autores, rogando-lhes que aceitem os nossos agradecimentos. Estas cartas, bem assim as numerosas pessoas que nos dão a honra de com elas conferenciar a respeito desses graves problemas, convencem-nos cada vez mais do progresso do Espiritismo *verdadeiro*, isto é, do Espiritismo compreendido em todas as suas conseqüências morais. Sem nos iludirmos quanto ao alcance de nossos trabalhos, o pensamento de haver contribuído, lançando alguns grãos na balança, é para nós doce satisfação, porquanto essas poucas sementes terão contribuído para despertar a reflexão.

A prosperidade crescente da Revista é um indício do favor com que é acolhida. Não nos cabe senão continuar a obra na mesma linha, já que vem recebendo a consagração do tempo, sem nos afastarmos da moderação, da prudência e das conveniências que sempre nos orientaram. Deixando aos nossos contraditores o triste privilégio das injúrias e do personalismo, não os seguiremos no terreno de uma controvérsia sem objetivo. Dizemos sem objetivo porque jamais os levaria à convicção; ademais, seria pura perda de tempo discutir com pessoas que não têm a menor noção daquilo de que falam. Só temos uma coisa a dizer-lhes: Estudai primeiro; depois veremos. Temos mais que fazer do que falar a quem não quer ouvir. Afinal de contas, o que importa a opinião contrária deste ou daquele? Terá essa opinião tão grande importância que possa deter a marcha natural das coisas? As maiores descobertas encontraram os mais rudes adversários, sem que por isso fossem prejudicadas. Assim, deixando a incredulidade zunir à nossa volta, jamais nos desviaremos do caminho que nos é traçado pela própria gravidade do assunto que nos ocupa.

Dissemos que as idéias espíritas estão em franco progresso. Com efeito, desde algum tempo ganharam imenso terreno. Dir-se-ia que estão no ar; não, certamente, em razão do barulho da grande e da pequena imprensa. Se elas progredirem, apesar e contra tudo, não obstante a má vontade encontrada em certas regiões é porque possuem vitalidade suficiente para se bastarem a si mesmas. Quem se der ao trabalho de aprofundar a questão do Espiritismo, nele encontra uma satisfação moral tão grande, a solução de tantos problemas que inutilmente havia pedido às teorias vulgares; o futuro se desdobra à sua frente de maneira tão clara, tão precisa e tão *lógica*, que a si mesmo confessa a impossibilidade de as coisas realmente não se passarem assim; já que um sentimento íntimo lhe dizia que assim deveria ser, é de causar admiração que não as tenha compreendido mais cedo. Desenvolvida, a ciência espírita nada mais faz que formular, tirar do nevoeiro idéias já existentes em seu foro íntimo; daí por diante o

futuro se apresenta com objetivo claro, preciso, perfeitamente definido; já não marcha ao sabor das ondas: vê o seu caminho. Não é mais esse futuro de felicidade ou de desgraça que a razão não podia compreender e que, por isso mesmo, o repelia; é um futuro racional, conseqüência das próprias leis da Natureza, capaz de suportar o exame mais severo. Eis por que é feliz e como que aliviado de um imenso peso: o da *incerteza*, porquanto a incerteza é um tormento. Mau grado seu, o homem sonda as profundezas do futuro e *não pode deixar de vê-lo eterno*; compara-o à brevidade e à fragilidade da existência terrestre. Se o futuro não lhe oferece nenhuma certeza, ele se atordoa, concentra-se no presente e, para o tornar mais suportável, entrega-se a todos os excessos: é em vão que a consciência lhe fala do bem e do mal. Diz a si mesmo: o bem é aquilo que me faz feliz. De fato, que motivo teria para ver o bem em outra parte? Por que suportar privações? Quer ser feliz e, para ser feliz, quer gozar; gozar o que os outros possuem; quer ouro, muito ouro; a ele se apega como à sua vida, porque o ouro é o veículo de todos os prazeres materiais. Que lhe importa o bem-estar do semelhante? O seu, antes de tudo. Quer satisfazer-se no presente, por não saber se o poderá mais tarde, num futuro em que não acredita. Torna-se, assim, ávido, invejoso, egoísta e, com todos esses prazeres, não é feliz porque o presente lhe parece muito curto.

Com a *certeza* do futuro, tudo para ele muda de aspecto; o presente é apenas efêmero e o vê passar sem lamentar-se; é menos apegado aos prazeres terrenos, porque só lhe trazem uma sensação passageira, fugidia, que deixa vazio o coração; aspira a uma felicidade mais duradoura e, conseqüentemente, mais real. E onde poderá encontrá-la, senão no futuro? Mostrando-lhe, *provando-lhe* esse futuro, o Espiritismo o liberta do suplício da incerteza, e isso o torna feliz. Ora, aquilo que traz felicidade sempre encontra partidários.

Os adversários do Espiritismo atribuem sua rápida propagação a uma febre supersticiosa que se apodera da

Humanidade: o amor do maravilhoso. Antes, porém, precisariam ser lógicos; aceitaremos o seu raciocínio – se é que a isso podemos chamar raciocínio – quando tiverem explicado claramente por que essa febre atinge justamente as classes esclarecidas da sociedade, em vez das ignorantes. Quanto a nós, dizemos que é porque o Espiritismo apela ao raciocínio, e não à crença cega, que as classes esclarecidas o examinam, refletem e o compreendem. Ora, as idéias supersticiosas não suportam o exame.

Aliás, todos vós que combateis o Espiritismo, chegais a compreendê-lo? Estudastes, perscrutastes seus detalhes, pesastes maduramente todas as suas conseqüências? Não, mil vezes não. Falais de algo que não conheceis. Todas as vossas críticas – e não falo das tolas, vulgares e grosseiras diatribes, despidas de qualquer raciocínio e que não têm nenhum valor – refiro-me às que, pelo menos, têm aparência de seriedade, todas as vossas críticas, repito, acusam a mais completa ignorância do assunto.

Para criticar é necessário poder opor raciocínio a raciocínio, prova a prova. Será isto possível, sem conhecimento aprofundado do assunto de que se trata? Que pensaríeis de quem pretendesse criticar um quadro, sem possuir, pelo menos em teoria, as regras do desenho e da pintura? Discutir o mérito de uma ópera, sem saber música? Sabeis a conseqüência de uma crítica ignorante? É ser ridícula e revelar falta de juízo. Quanto mais elevada a posição do crítico, quanto mais ele se põe em evidência, tanto mais seu interesse lhe exige circunspeção, a fim de não vir a receber desmentidos, sempre fáceis de dar a quem quer que fale daquilo que não conhece. É por isso que os ataques contra o Espiritismo têm tão pouco alcance e favorecem o seu desenvolvimento, em vez de o deter. Esses ataques são propaganda; provocam exame, e o exame só nos pode ser favorável, porque nos dirigimos à razão. Não há um só artigo publicado contra a doutrina que não nos tenha proporcionado um aumento de assinaturas e de vendas de obras. O do Sr. Oscar Comettant (Vide o *Siècle* de 27 de outubro

passado, e nossa resposta na Revista do mês de dezembro de 1859) provocou a venda, em poucos dias, na casa Ledoyen, de mais de cinqüenta exemplares da famosa sonata de Mozart (que custa 2 francos, preço líquido, segundo a importante e espirituosa observação do Sr. Comettant). Os artigos do *Univers*, de 13 de abril e 28 de maio de 1859 (ver nossa resposta nos números da Revista de maio e julho de 1859) esgotaram rapidamente o que restava da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, bem como outros. Mas voltemos a coisas menos materiais. Enquanto não opuserem ao Espiritismo senão argumentos desta natureza, ele nada tem a temer.

Repetimos que a principal fonte do progresso das idéias espíritas está na satisfação que proporcionam a todos que as aprofundam, e que nelas vêem algo mais do que um simples passatempo. Ora, como antes de tudo todos querem a felicidade, não é de admirar que se liguem a uma idéia que os torna felizes. Dissemos em algum lugar que, em se tratando de Espiritismo, o período da curiosidade passou, dando lugar ao da razão e da filosofia. A curiosidade tem tempo certo: uma vez satisfeita, muda-se o objetivo por um outro. Já não se dá a mesma coisa com quem se dirige ao pensamento sério e à razão. O Espiritismo progrediu principalmente a partir do momento em que passou a ser mais bem compreendido em sua essência íntima, desde que se viu o seu alcance, porque toca na corda mais sensível do homem: a de sua felicidade, mesmo neste mundo. Aí reside a causa de sua propagação, o segredo da força que o fará triunfar.

Vós todos que atacaís o Espiritismo, quereis um meio seguro de o combater com sucesso? Eu vo-lo indico. Substituí-o por algo melhor; encontraí uma solução mais *lógica* a todas as questões que ele resolve; dai ao homem *outra certeza* que o torne mais feliz, e compreendeí bem o alcance da palavra certeza, porque o homem só aceita como certo o que lhe parece *lógico*; não vos contenteis em dizer que isso não é, pois é muito fácil; provai, não pela negação, mas pelos fatos, que isso não é, jamais foi e *não pode*

ser. Provai, finalmente, que as conseqüências do Espiritismo não tornam melhores os homens, pela prática da mais pura moral evangélica, moral muito elogiada, mas pouco praticada. Quando tiverdes feito isso, serei o primeiro a inclinar-me perante vós. Até lá, permiti que encare vossas doutrinas, que são a negação completa do futuro, como a fonte do egoísmo, verme que corrói a sociedade e, conseqüentemente, como um verdadeiro flagelo. Sim, o Espiritismo é forte, mais forte do que vós, porque se apóia nos próprios alicerces da religião: Deus, a alma e as penas e recompensas futuras, baseadas no bem e no mal que se faz. Vós vos apoiáis na incredulidade. Ele convida o homem à felicidade, à esperança, à verdadeira fraternidade. Vós lhe ofereceis o *nada* como perspectiva e o *egoísmo* como consolação. Ele tudo explica, vós nada explicais. Ele prova pelos fatos e vós nada provais. Como pretendeis que se vacile entre as duas doutrinas?

Em resumo, constatamos – e cada um vê e sente como nós – que o Espiritismo deu um passo imenso no ano que findou, e esse passo é a garantia daquele que haverá de dar no ano que começa. Não somente o número de seus partidários aumentou consideravelmente, como uma notável mudança operou-se na opinião geral, mesmo entre os indiferentes. Diz-se que no fundo de tudo isso bem poderia haver alguma coisa; que não se deve ser apressado em julgá-lo; os que assim agiam, dando de ombros, começam a temer o ridículo sobre si mesmos ao ligarem o próprio nome a um julgamento precipitado, que poderá ser desmentido. Deste modo, preferem calar-se e esperar. Sem dúvida, durante muito tempo ainda haverá pessoas que, nada tendo a perder com a opinião da posteridade, procurarão denegri-lo; umas, por caráter ou por estado de ânimo; outras, por cálculo. Mas nós nos acostumamos à idéia de ir ao hospício¹, desde que nos vejamos em boa companhia; e, como tantas outras, esta piada sem graça torna-se um lugar-comum, com a qual ninguém se incomoda, porque no

1 N. do T.: No original: *aller à Charenton*, referência a famoso hospital psiquiátrico francês.

fundo desses ataques vê-se a mais absoluta falta de raciocínio. A arma do ridículo, essa arma que se diz tão terrível, se gasta evidentemente e tomba das mãos daqueles que a empunhavam. Acaso teria perdido o seu poder? Não, contanto que não desfira golpes em falso. O ridículo não mata senão o que é ridículo em si, tendo de sério apenas a aparência, porque fustiga o hipócrita e lhe arranca a máscara; mas aquilo que é verdadeiramente sério só receberá golpes passageiros e sairá sempre triunfante da luta. Vede se uma só das grandes idéias que foram ridicularizadas em sua origem pela turba ignorante e invejosa caiu para não mais se erguer! Ora, o Espiritismo é uma das maiores idéias, porque toca na questão mais vital – a da felicidade do homem – e não se brinca impunemente com semelhante problema. Ele é forte porque tem suas raízes nas próprias leis da Natureza e responde aos inimigos fazendo, desde o início, a volta ao mundo. Alguns anos mais e seus detratores, impotentes para o combater pelo raciocínio, encontrar-se-ão de tal modo ultrapassados pela opinião dominante, de tal forma isolados, que se verão forçados a calar ou a abrir os olhos à luz.

O Magnetismo Perante a Academia

Deixado à porta, o magnetismo entrou pela janela, mediante um disfarce e um outro nome. Em vez de dizer: Sou o magnetismo, o que provavelmente não lhe teria valido uma acolhida favorável, disse: Chamo-me *hipnotismo* (do grego *hypnos*, sono). Graças a esse salvo-conduto conseguiu entrar após vinte anos de paciência. Mas não perdeu por esperar, pois soube fazer-se introduzir por uma das maiores celebridades. Evitou cuidadosamente apresentar-se com seu cortejo de passes, de sonambulismo, de visão a distância, de êxtases, que o teriam traído. Disse simplesmente: Sois bons e humanos; vosso coração sangra ao ver sofrer os vossos doentes; procurais um meio de suavizar a dor do paciente, cortado pelo vosso escalpelo, mas o que empregais

às vezes é muito perigoso. Eu vos trago um mais simples e que, em todo caso, não tem inconvenientes. Estava bem seguro de ser ouvido, falando em nome da Humanidade. E acrescentou, matreiro: Sou da família, pois devo a vida a um dos vossos. Pensava, não sem alguma razão, que essa origem não o prejudicaria.

Se vivêssemos ao tempo da brilhante e poética Grécia, diríamos: O magnetismo, filho da Natureza e de um simples mortal, foi proscrito do Olimpo porque, ao fazer concorrência com Esculápio, feriu os interesses deste último, louvando-se de poder curar sem o seu concurso. Errou muito tempo pela Terra, ensinando aos homens a arte de curar por meios novos; desvendou ao vulgo uma porção de maravilhas que, até então, tinham sido misteriosamente escondidas nos templos; mas aqueles cujos segredos havia revelado, desmascarando-lhe a charlatanice, o perseguiram a pedradas, de tal sorte que foi, ao mesmo tempo, banido pelos deuses e maltratado pelos homens. Nem por isso deixou de espalhar seus benefícios, aliviando a Humanidade, certo de que um dia a sua inocência seria reconhecida e lhe fariam justiça. Teve um filho, cujo nascimento escondeu cuidadosamente, temeroso de lhe atrair perseguições; ele o chamou *hipnotismo*. Este filho partilhou de seu exílio durante muito tempo, aproveitando-o para instruir-se. Quando o julgou suficientemente formado, disse-lhe: Vai-te apresentar no Olimpo; abstém-te de dizer que és meu filho; teu nome e um disfarce facilitarão o teu acesso; Esculápio te apresentará. – Como, meu pai! Esculápio, vosso inimigo mais encarniçado! Logo ele que vos proscreeu! – Ele mesmo te estenderá a mão. – Mas se me reconhecer, expulsar-me-á. – Ora essa! Se te expulsar, virás junto a mim e continuaremos nossa obra benéfica entre os homens, à espera de melhores dias. Mas fica tranqüilo, tenho muita esperança. Esculápio não é mau; quer, antes de tudo, o progresso da Ciência: caso contrário não seria digno de ser o deus da Medicina. Aliás, talvez eu tenha cometido algumas faltas para com ele; ofendido por me ver denegrir, eu me exaltei e

o ataquei sem consideração. Prodigalizei-lhe injúrias, ridicularizei-o, vilipendiei-o, chamei-o de ignorante. Ora, eis um meio deplorável de tratar os homens e os deuses; e seu amor-próprio ferido irritou-se um instante contra mim. Não faças como eu, meu filho; sê mais prudente e, sobretudo, mais atencioso. Se os outros não o forem para contigo, o erro será deles, e a razão, tua. Vai, filho meu, e lembra-te de que nada se obtém de alguém pela força. – Assim falou o pai. O hipnotismo partiu timidamente para o Olimpo; batia-lhe forte o coração quando se apresentou à soleira da porta sagrada. Mas, ó surpresa! o próprio Esculápio lhe estende a mão e o introduz.

Eis, pois, o magnetismo no lugar. O que fará? Oh! não acrediteis na vitória definitiva; ainda não nos encontramos sequer nos preliminares da paz. É uma primeira barreira derrubada: eis tudo. Esse passo é importante, sem dúvida, mas não penseis que seus inimigos vão confessar-se vencidos. O próprio Esculápio, o grande Esculápio, que o reconheceu por seus traços de família, abraçou de tal forma sua defesa que seriam capazes de enviá-lo ao hospício. Vão dizer que é... qualquer coisa... mas que, seguramente, não é magnetismo. Pois seja! Não sofismamos com as palavras: será tudo o que quiserem. Mas, enquanto se espera, é um fato que terá conseqüências. Ora, eis essas conseqüências. Inicialmente vão ocupar-se somente do ponto de vista anestésico (do grego *aisthesis*, sensibilidade e *a*, privativo, ou seja, privação geral ou parcial da faculdade de sentir) e isto em razão da predominância das idéias materialistas, pois ainda há tanta gente que, sem dúvida por modéstia, teima em se reduzir ao papel de manivela de espeto que, ao parar de funcionar, é atirada ao ferro velho, sem deixar vestígios! Assim, vão examinar o fato de todas as maneiras, ainda que por mera curiosidade. Vão estudar a ação das diferentes substâncias para produzir o fenômeno da catalepsia. Depois, um belo dia, reconhecerão que basta pôr o dedo. Mas não é tudo. Observando o fenômeno da catalepsia, outros surgirão espontaneamente. Já foi

notada a liberdade de pensamento durante a suspensão das faculdades orgânicas; assim, o pensamento independe dos órgãos. Há, pois, no homem algo mais além da matéria. Ver-se-á a manifestação de faculdades estranhas: a vista adquirir uma amplitude insólita, transpondo os limites dos sentidos; todas as percepções modificadas; numa palavra, é um vasto campo para a observação e não faltarão observadores. O santuário está aberto, e esperamos que dele jorre a luz, a menos que o celeste arcópagão não deixe a honra a ninguém senão a ele mesmo.

Nossos leitores haverão de apreciar bastante o notável artigo que o Sr. Victor Meunier, redator do *Ami des Sciences*, publicou sobre este interessante assunto, na revista científica hebdomadária do *Siècle*, de 16 de dezembro de 1859:

“O magnetismo animal, levado à Academia pelo Sr. Broca, apresentado à ilustre associação pelo Sr. Velpeau, experimentado pelos senhores Follin, Verneuil, Faure, Trousseau, Denonvilliers, Nélaton, Azam, Ch. Robin, etc., todos cirurgiões dos hospitais, é a grande novidade do dia”.

“As descobertas, como os livros, têm seu destino. A de que vamos tratar não é nova. Data de uns vinte anos, e nem na Inglaterra, onde nasceu, nem na França, onde, no momento, não se ocupa de outra coisa, a publicidade lhe faltou. Um médico escocês, o Dr. Braid, a descobriu e lhe consagrou todo um livro (*Neurypnology or the rationale of nervous sleep, considered in relation with animal magnetism*). O Dr. Carpenter, célebre médico inglês, analisou cuidadosamente a descoberta do Dr. Braid no artigo *sleep* (sono) da Enciclopédia de Anatomia e Fisiologia de Tood (*Cyclopedia of anatomy and physiology*); um ilustre sábio francês, o Sr. Littré, reproduziu a análise do Dr. Carpenter na segunda edição do *Manual de Fisiologia* de J. Mueller. Enfim, nós mesmos consagramos um de nossos folhetins da *Presse* (7 de julho de 1852) ao *hipnotismo* (é o nome dado pelo Dr. Braid ao conjunto de dados

de que se trata). A mais recente das publicações relativas a esse assunto data, pois, de sete anos; e eis que, no momento em que o julgavam esquecido, ele adquire esta imensa repercussão.

Há no hipnotismo duas coisas: um conjunto de fenômenos nervosos, e o processo por meio do qual são produzidos.

Esse processo, empregado outrora, salvo engano, pelo abade Faria, é de grande utilidade. Consiste em manter um objeto brilhante diante dos olhos da pessoa com a qual se experimenta, a pequena distância da base do nariz, de sorte que não possa olhá-lo senão envergando os olhos para dentro; ela deve fixar os olhos sobre ele. A princípio as pupilas se contraem, depois se dilatam bastante e, em poucos instantes, produz-se o estado cataléptico. Levantando os membros do paciente, estes conservam a posição que lhes dermos. Este é apenas um dos fenômenos produzidos; dos outros falaremos oportunamente.

O Sr. Azam, professor substituto de Clínica Cirúrgica da Escola de Medicina de Bordeaux, tendo repetido com sucesso as experiências do Dr. Braid, trocou opiniões com o Dr. Broca, que pensava que as pessoas hipnotizadas talvez fossem insensíveis à dor das intervenções cirúrgicas. A carta que acaba de dirigir à Academia das Ciências é o resumo de suas experiências a respeito. Antes de tudo, porém, devia assegurar-se da realidade do hipnotismo. E o conseguiu sem dificuldades.

Visitando uma senhora de cerca de quarenta anos, algo histérica, e que se mantinha acamada por ligeira indisposição, o Dr. Broca fingia querer examinar os olhos da doente e lhe pedia que fixasse detidamente um pequeno frasco dourado que ele segurava a mais ou menos quinze centímetros de distância da base do nariz daquela senhora. Ao cabo de três minutos os olhos tornaram-se um pouco vermelhos, os traços imóveis, as respostas lentas e difíceis,

mas perfeitamente racionais. O Dr. Broca levantou o braço da enferma e este se manteve na posição em que foi deixado; submeteu os dedos às mais extremas situações e eles as conservaram; beliscou a pele em vários lugares, com certa força, mas a paciente nada parecia sentir. Catalepsia, insensibilidade! O Dr. Broca não levou adiante a experiência: esta lhe havia ensinado o que queria saber. Uma fricção sobre os olhos, uma insuflação de ar frio na fronte trouxeram a doente ao estado normal. Não guardava a menor lembrança do que acabara de passar-se.

Restava saber se a insensibilidade hipnótica resistiria à prova das intervenções cirúrgicas.

Entre os internos do Hospital Necker, no serviço do Dr. Follin, achava-se uma pobre mulher de 24 anos, vitimada por extensa queimadura nas costas e nos dois membros direitos e por um enorme abscesso, extremamente doloroso. Os menores movimentos lhe eram um suplício. Esgotada pelo sofrimento e, ademais, muito pusilânime, essa infeliz pensava com terror na operação que se fazia necessária. Foi nela que, de acordo com o Dr. Follin, o Dr. Broca resolveu completar a prova do hipnotismo.

Colocaram-na sobre um leito em frente à janela, prevenindo-a de que iam fazê-la dormir. Ao cabo de dois minutos suas pupilas se dilatam; levantado quase verticalmente acima do leito, seu braço esquerdo fica imóvel. Ao quarto minuto suas respostas são lentas e quase penosas, mas perfeitamente sensatas. Quinto minuto: O Dr. Follin espeta a pele do braço esquerdo e a doente nem sequer se mexe; nova espetadela mais profunda, que produz sangramento, e a mesma impassibilidade. Erguem o braço direito, que fica no ar. Então as cobertas são levantadas e afastados os membros inferiores para pôr à mostra a sede do abscesso. A doente não esboça reação e disse com tranqüilidade que, sem dúvida irão prejudicá-la. Ao ser aberto o abscesso, um fraco grito foi o único sinal de reação de sua parte, e durou menos de um segundo. Nem o menor tremor nos músculos da face ou dos

membros, nem um só estremeamento nos braços, sempre elevados verticalmente acima do leito. Um pouco injetados, os olhos estavam largamente abertos; o rosto tinha a imobilidade de uma máscara...

Levantado, o pé esquerdo mantém-se suspenso. Tiram o corpo brilhante (uma luneta): a catalepsia persiste. Pela terceira vez picam o braço esquerdo, o sangue goteja e a operada nada sente. Há treze minutos que o braço guarda a posição que lhe foi dada.

Enfim, uma fricção nos olhos, uma insuflação de ar fresco despertam a jovem senhora quase subitamente; relaxados, os braços e a perna esquerda caem de repente na cama. Ela esfrega os olhos, readquire a consciência, de nada se lembra e surpreende-se de que a tenham operado. A experiência havia durado dezoito a vinte minutos; o período de anestesia, de doze a quinze.

Tais são, em resumo, os fatos essenciais comunicados pelo Sr. Broca à Academia das Ciências. Já não são mais isolados. Grande número de cirurgições de nossos hospitais teve a honra de os repetir, e o fizeram com sucesso. O objetivo do Dr. Broca e de seus distintos colegas era e deveria ser cirúrgico. Esperemos tenha o hipnotismo, como meio de provocar a insensibilidade, todas as vantagens dos agentes anestésicos, sem deles guardar os inconvenientes. Mas a Medicina não é de nossa alçada e, para não sair de suas atribuições, nossa Revista não deve considerar o fato senão sob o ponto de vista fisiológico.

Depois de haver reconhecido a veracidade do Dr. Braid sobre o ponto essencial, sem dúvida ter-se-á que verificar tudo que respeita a este estado singular, ao qual ele dá o nome de hipnotismo. Os fenômenos que ele lhe atribui podem ser classificados da seguinte maneira:

Exaltação da sensibilidade – O olfato é levado a um grau de acuidade que no mínimo se iguala ao observado nos animais de

melhor faro. A audição torna-se igualmente muito penetrante. O tato adquire, sobretudo em relação à temperatura, uma incrível delicadeza.

Sentimentos sugeridos – Ponde o rosto, o corpo ou os membros do paciente na atitude que convém à expressão de um sentimento particular e logo o estado mental correspondente é despertado. Assim, colocando-se a mão do hipnotizado sobre sua cabeça, ele se endireita espontaneamente, inclinando para trás; seu porte é o do mais vivo orgulho. Se nesse momento se lhe curvar para frente a cabeça, fletindo levemente o corpo e os membros, o orgulho dará lugar à mais profunda humildade. Afastando delicadamente os cantos da boca, como no riso, logo se produz uma tendência alegre; o mau humor entra em campo imediatamente quando se faz as sobrancelhas convergirem para baixo.

Idéias provocadas – Levantai a mão do paciente acima da cabeça e fleti os dedos sobre a palma: logo é suscitada a idéia de subir, de se balançar ou puxar uma corda. Se, ao contrário, forem os dedos fletidos, deixando o braço pendente, provoca-se a idéia de levantar um peso. Se os dedos forem fletidos e o braço levado à frente, como para dar um soco, surge a idéia de lutar box. (A cena se passa em Londres.)

Incremento da força muscular – Se se quiser suscitar uma força extraordinária num grupo de músculos, basta sugerir ao paciente a idéia da ação que reclama essa força e assegurar-lhe que o pode realizar com a maior facilidade, caso queira. Diz o Dr. Carpenter: “Vimos um dos pacientes hipnotizados pelo Dr. Braid, notável pela pobreza de seu desenvolvimento muscular, levantar, com o auxílio de seu dedo mínimo, um peso de quatorze quilos e fazê-lo girar em volta da cabeça, com a única garantia de que o peso era tão leve como uma pluma.”

Limitamo-nos, por hoje, à indicação deste programa. Aos fatos a palavra; as reflexões virão mais tarde.

O Espírito de um Lado, o Corpo do Outro

CONVERSA COM O ESPÍRITO DE UMA PESSOA VIVA

Nosso distinto colega, o Sr. conde de R... C..., dirigiu-nos a seguinte carta, datada de 23 de novembro último:

“Senhor Presidente,

“Ouvi dizer que médicos, entusiastas de sua arte e desejosos de contribuir para o progresso da Ciência, tornando-se úteis à Humanidade, legaram, por testamento, os seus corpos ao escalpelo das salas anatômicas. A experiência a que assisti, da evocação de uma pessoa viva (Sessão da Sociedade de 14 de outubro de 1859), não me pareceu muito instrutiva, por se tratar de uma coisa muito pessoal: pôr em comunicação um pai vivo com a filha morta. Pensei que aquilo que os médicos fizeram pelo corpo, um membro da Sociedade poderia fazer pela alma, ainda em vida, pondo-se à vossa disposição para um ensaio desse gênero. Talvez pudésseis, preparando as perguntas antecipadamente, que desta vez nada teriam de pessoal, obter novas luzes sobre o fato do isolamento da alma e do corpo. Aproveitando de uma indisposição que me retém em casa, venho oferecer-me como paciente para estudo, se estiverdes de acordo. Portanto, caso não haja contra-ordem, na próxima sexta-feira deitar-me-ei às nove horas e penso que às nove e meia podereis chamar-me, etc. ...”

Aproveitamos a oferta do Sr. conde de R... C... com tanto mais interesse quanto, pondo-se à nossa disposição, pensávamos que seu Espírito se prestaria de bom grado às nossas

pesquisas. Por outro lado, sua instrução, a superioridade de sua inteligência (o que, abrindo parêntesis, não o impede de ser um excelente espírita) e a experiência que adquiriu em suas viagens em torno do mundo, como capitão da marinha imperial, faziam que esperássemos de sua parte uma apreciação mais justa de seu estado. De fato não nos enganamos. Em consequência tivemos com ele as duas conversas que se seguem, a primeira a 25 de novembro e a segunda a 2 de dezembro de 1859.

(Sociedade, 25 de novembro de 1859)

1. Evocação.

Resp. – Estou aqui.

2. Neste momento tendes consciência do desejo que manifestastes, de ser evocado?

Resp. – Perfeitamente.

3. Em que lugar vos achais aqui?

Resp. – Entre vós e o médium.

4. Vede-nos tão claramente como quando assistis pessoalmente às nossas sessões?

Resp. – Mais ou menos, embora um pouco velado. Ainda não durmo bem.

5. Como tendes consciência de vossa individualidade aqui presente, ao passo que vosso corpo está no leito?

Resp. – Neste momento meu corpo não me é senão um acessório. Sou *EU* que estou aqui.

Observação – *Sou EU que estou aqui* é uma resposta deveras notável. Para ele, o corpo não é a parte essencial de seu ser: esta parte é o Espírito, que constitui o *EU*; o seu *eu* e o seu corpo são duas coisas distintas.

6. Podeis transportar-vos instantaneamente, e à vontade, daqui para vossa casa e vice-versa?

Resp. – Sim.

7. Indo e vindo daqui para vossa casa, tendes consciência do trajeto que fazeis? Vedes os objetos que estão no caminho?

Resp. – Eu o poderia, mas negligencio fazê-lo; não me interessam.

8. O estado em que vos encontrais é semelhante ao de um sonâmbulo?

Resp. – Não completamente. Meu corpo *dorme*, ou seja, está mais ou menos inerte; o sonâmbulo *não dorme*: suas faculdades estão modificadas, mas não aniquiladas.

9. O Espírito evocado de uma pessoa viva poderia indicar remédios, como um sonâmbulo?

Resp. – Se os conhecer, ou caso se ache em contato com um Espírito que os conheça, sim; do contrário, não.

10. A lembrança de vossa existência corporal está claramente presente em vossa memória?

Resp. – Muito clara.

11. Poderíeis citar algumas de vossas ocupações mais destacadas do dia?

Resp. – Poderia, mas não o farei e lamento ter proposto esta pergunta (Ele havia pedido que lhe dirigissem uma pergunta desse gênero como prova).

12. É como Espírito que lamentais ter proposto esta questão?

Resp. – Como Espírito.

13. Por que o lamentais?

Resp. – Porque melhor compreendo quanto é justo que, na maior parte dos casos, seja proibido fazê-lo.

14. Poderíeis descrever o vosso quarto de dormir?

Resp. – Certamente; e o do porteiro também.

15. Pois bem! Descrevei, então, um deles.

Resp. – Eu disse que poderia, mas poder não é querer.

16. Qual a doença que vos retém em casa?

Resp. – A gota.

17. Há um remédio para a gota? Se o conheceis, poderíeis indicá-lo, pois prestaríeis um grande serviço?

Resp. – Poderia, mas me guardarei de o fazer: o remédio seria pior que o mal.

18. Pior ou não, quereis indicá-lo, mesmo que não venhais a vos servir dele?

Resp. – Há vários, entre os quais o lírio verde.

Observação – Ao despertar, o Sr. de R... reconheceu jamais ter ouvido falar do emprego desta planta como específico antigotoso.

19. Em vosso estado atual, veríeis um perigo que poderia correr um amigo e poderíeis vir em seu auxílio?

Resp. – Poderia. Inspirá-lo-ia; se ouvisse a minha inspiração e, ainda com mais proveito, se fosse médium.

20. Desde que o evocamos por vossa vontade, e que vos pondeis à nossa disposição para estudos, tende a bondade de descrever, o melhor possível, o estado em que vos encontrais agora.

Resp. – Estou no estado mais feliz e mais satisfatório que se possa experimentar. Jamais tivestes um sonho em que o calor do leito vos faz crer que sois levemente embalados no ar, ou na crista de ondas tépidas, sem nenhuma preocupação com os

movimentos, sem a menor consciência dos membros pesados e incômodos, a se moverem ou a se arrastarem, numa palavra, sem necessidades a satisfazer? Não sentindo o agulhão da fome nem o da sede? Encontro-me neste estado junto a vós. E ainda não vos dei senão uma pequena idéia do que experimento.

21. O estado atual de vosso corpo sofre alguma modificação fisiológica, em razão da ausência do Espírito?

Resp. – De modo algum. Estou no estado a que chamais primeiro sono; sono pesado e profundo que todos experimentamos e durante o qual nos afastamos do corpo.

Observação – O sono, que não era completo no começo da evocação, estabeleceu-se pouco a pouco, em consequência do próprio desprendimento do Espírito, que deixa o corpo no maior repouso.

22. Se, em razão de um movimento brusco, vosso corpo é instantaneamente despertado enquanto vosso Espírito aqui está, o que aconteceria?

Resp. – O que é brusco para o homem é muito lento para o Espírito, que sempre tem tempo de ser avisado.

23. A felicidade que acabais de descrever e que desfrutais em vosso estado de liberdade tem alguma relação com as sensações agradáveis que por vezes se experimenta nos primeiros momentos da asfixia? O Sr. S..., que involuntariamente teve a satisfação de as experimentar, vos dirige esta pergunta.

Resp. – Ele não está de todo errado. Na morte por asfixia há um instante análogo àquele de que fala, mas somente o Espírito perde a lucidez, enquanto aqui ela é consideravelmente aumentada.

24. Vosso Espírito prende-se ainda por um laço qualquer ao vosso corpo?

Resp. – Sim, e disso guardo perfeita consciência.

25. A que podeis comparar este laço?

Resp. – A nada que conheçais, senão a uma luz fosforescente, para vos dar uma idéia, se o pudésseis ver, mas que em mim não produz nenhuma sensação.

26. A luz vos afeta da mesma maneira? Tem a mesma tonalidade que vedes pelos olhos?

Resp. – Absolutamente, porque os olhos me servem, de alguma sorte, como janelas de meu cérebro.

27. Percebeis os sons tão distintamente?

Resp. – Mais ainda, já que percebo muitos outros que vos escapam.

28. Como transmitis o pensamento ao médium?

Resp. – Atuo sobre sua mão para lhe dar uma direção, que facilito por uma ação sobre o cérebro.

29. Utilizai-vos das palavras do vocabulário que ele tem na cabeça, ou indicais as palavras que deve escrever?

Resp. – Uma coisa e outra, conforme a conveniência.

29² Se tivésseis por médium alguém que desconhecesse a vossa língua e a dele vos fosse desconhecida, um chinês, por exemplo, como faríeis para ditar-lhe?

Resp. – Isso seria mais difícil; talvez impossível. Em todo caso, só seria possível com uma flexibilidade e uma docilidade muito rara de encontrar.

30. Um Espírito, cujo corpo estivesse morto, experimentaria a mesma dificuldade para se comunicar por um médium completamente estranho à língua que falava em vida?

Resp. – Talvez menor, mas ela existiria sempre. Acabo de dizer que, conforme o caso, o Espírito dá ao médium as suas expressões, ou toma as dele.

2 N. do T.: O número 29 foi repetido no original.

31. Vossa presença aqui fatiga o corpo?

Resp. – Absolutamente.

32. Vosso corpo sonha?

Resp. – Não; é justamente por isso que não se cansa. A pessoa da qual falais experimentaria por seus órgãos impressões que se transmitiam ao Espírito; era isto que a fatigava. Nada experimento de semelhante.

Observação – Ele faz alusão a uma pessoa de que se falava no momento e que, em semelhante situação, tinha dito que seu corpo se fatigava, e havia comparado seu Espírito a um balão cativo, cujas sacudidelas abalam o poste que o retém.

No dia seguinte o Sr. R... de C... contou-nos haver sonhado que se achava na Sociedade, entre nós e o médium. Evidentemente é uma lembrança da evocação. É provável que no momento da pergunta não sonhasse, pois respondeu negativamente. Também é possível, e mais provável, que não sendo o sonho senão uma lembrança da atividade do Espírito, na verdade não é o corpo que sonha, desde que não pensa. Ele, pois, respondeu negativamente, sem saber se, uma vez desperto, seu Espírito se recordaria. Se o corpo tivesse sonhado enquanto seu Espírito estava ausente, é que o Espírito teria tido uma dupla ação. Ora, ele não poderia estar ao mesmo tempo na Sociedade e em sua casa.

33. Vosso Espírito se acha no estado em que se encontrará quando estiverdes morto?

Resp. – Mais ou menos a mesma coisa, por causa do laço que o prende ao corpo.

34. Tendes consciência das existências anteriores?

Resp. – Muito confusamente. Eis aí uma diferença de que me esquecia. Após o desprendimento completo que se segue à morte, as lembranças são muito mais precisas. Atualmente são mais

completas do que durante a vigília, mas não suficientes para poder especificá-las de modo mais inteligível.

35. Se, ao despertar, vos mostrassem vossos escritos, teríeis consciência das respostas que acabais de dar?

Resp. – Poderia identificar alguns de meus pensamentos; mas muitos outros não encontrariam nenhum eco em meu pensamento quando acordado.

36. Poderíeis exercer sobre o corpo uma influência de tal forma intensa que fosse capaz de o despertar?

Resp. – Não.

37. Poderíeis responder a uma pergunta mental?

Resp. – Sim.

38. Vede-nos espiritualmente ou fisicamente?

Resp. – De ambos os modos.

39. Poderíeis ir visitar o irmão de vosso pai, que dizem estar numa ilha da Oceania e, como marinheiro, poderíeis precisar a posição dessa ilha?

Resp. – Não posso nada disso.

40. Que pensais agora de vossa interminável obra e seu objetivo?

Resp. – Penso que devo prosseguir-la, com o mesmo objetivo. É tudo quanto posso dizer.

Observação – Ele havia desejado que lhe fizessem essa pergunta, relativa a importante trabalho que empreendia sobre a marinha.

41. Ficariamos muito contentes se dirigísseis algumas palavras aos vossos colegas, uma espécie de pequeno discurso.

Resp. – Já que tenho oportunidade, aproveito-a para vos afirmar a minha fé no futuro da alma; que a maior falta que os

homens podem cometer é procurar provas e provas. Isto quando muito é perdoável nos homens que se iniciam no conhecimento do Espiritismo. Já não vos repetiram milhares de vezes que é preciso crer, porque se compreende e se ama a justiça e a verdade, e que se déssemos satisfação a uma dessas perguntas pueris, os que pretendessem fazê-la para se convencerem não deixariam de fazer outras no dia seguinte e perderíeis, infalivelmente, um tempo precioso, fazendo os Espíritos lerem a sorte? Eu o compreendo agora muito melhor do que quando desperto e vos posso dar um sábio conselho: quando quiserdes obter tais resultados, dirigi-vos aos Espíritos batedores e às mesas falantes que, nada tendo de melhor a dizer, podem ocupar-se de tais manifestações. Perdoai-me a lição, mas tenho necessidade dela e não me aborreço de a dar a mim mesmo.

(Segunda conversa – 2 de dezembro de 1859)

42. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui.

43. Dormis bem?

Resp. – Não muito; mas irei.

44. No caso particular em que vos encontrais, julgais útil fazer a evocação em nome de Deus, como se fosse o Espírito de um morto?

Resp. – Por que não? Por não estar morto, credes que Deus me seja indiferente?

45. Considerando-se que vos achais aqui, se vosso corpo recebesse uma picada, não bastante forte para vos despertar, mas suficiente para vos fazer estremecer, vosso Espírito a sentiria?

Resp. – Meu corpo não a sentiria.

46. Vosso Espírito teria consciência do fato?

Resp. – Nenhuma; mas notai que me falais de uma

sensação leve e sem nenhum alcance, em termos de importância, seja para o corpo, seja para o Espírito.

47. A propósito da luz, dissestes que ela vos parece como se estivésseis em vigília, considerando-se que vossos olhos são como janelas por onde ela chega ao cérebro. Compreendemo-lo em relação à luz percebida pelo corpo; mas neste momento não é o vosso corpo que vê. Vedes ainda por um ponto circunscrito ou por todo o ser?

Resp. – É muito difícil vos fazer compreender. O Espírito percebe as sensações sem intermédio dos órgãos e não tem ponto circunscrito para as perceber.

48. Insisto novamente em saber se os objetos, o espaço que vos cerca têm para vós a mesma cor de quando estais desperto.

Resp. – Para mim, sim, porque meus órgãos não me enganam. Mas certos Espíritos encontrariam nisso grandes diferenças. Vós, por exemplo, percebeis os sons e as cores de modo muito diverso.

49. Percebeis os odores?

Resp. – Também melhor que vós.

50. Fazeis diferença entre a luz e a obscuridade?

Resp. – Diferença, sim. Mas para mim a obscuridade não é como para vós: vejo perfeitamente no escuro.

51. Vossa vista penetra os corpos opacos?

Resp. – Sim.

52. Poderíeis ir a um outro planeta?

Resp. – Isto depende.

53. De que depende?

Resp. – Do planeta.

54. A que planeta poderíeis ir?

Resp. – Aos que estão aproximadamente no mesmo grau da Terra.

55. Vede os outros Espíritos?

Resp. – Muitos e ainda.

Observação – Uma pessoa que o conhece intimamente, presente à sessão, disse que essa expressão lhe é muito familiar, vendo nisso, assim como em toda a forma da linguagem, uma prova de identidade.

56. Vede-os aqui?

Resp. – Sim.

57. Como constatais sua presença? Por uma forma qualquer?

Resp. – Por sua forma própria, isto é, por seu perispírito.

58. Vedes algumas vezes os vossos filhos e podeis falar-lhes?

Resp. – Vejo-os e lhes falo freqüentemente.

59. Dissestes: Meu corpo é um acessório; sou *EU* que estou aqui. Esse *eu* é circunscrito, limitado, tem uma forma qualquer? Em suma, como vos vedes?

Resp. – É sempre o perispírito.

60. Então, para vós, o perispírito é um corpo?

Resp. – Mas, evidentemente.

61. Vosso perispírito imita a forma de vosso corpo material e vos parece que aqui estais com o vosso corpo?

Resp. – Sim, quanto à primeira pergunta, e não, quanto à segunda. Tenho perfeita consciência de estar aqui somente com o meu corpo fluídico luminoso.

62. Poderíeis dar-me um soco?

Resp. – Sim, mas não o sentiríeis.

63. Poderíeis fazê-lo de maneira sensível?

Resp. – Isto é possível; mas não o posso aqui.

64. Se, no momento em que estais aqui, vosso corpo morresse subitamente, que experimentaríeis?

Resp. – Eu lá estaria antes.

65. Ficaríeis desembaraçado mais prontamente do que se morrêsseis em circunstâncias ordinárias?

Resp. – Muito. Não tornaria a entrar senão para fechar a porta, depois de haver saído.

66. Dissestes que sofreis de gota. Não concordais com vosso médico, aqui presente, que pretende seja um reumatismo nevrálgico? Que pensais?

Resp. – Já que estais tão bem informado, penso que isto deve bastar.

67. [O médico] Em que vos baseais para supor que seja gota?

Resp. – É a minha opinião. Talvez me engane, sobretudo se estais *tão certo* de não vos enganar.

68. [O médico] Seria possível uma complicação de gota e reumatismo.

Resp. – Então ambos teríamos razão; não nos restaria senão nos abraçar.

(Esta resposta provocou risos na assembléia)

69. Isto vos faz rir de nos ver rindo?

Resp. – Mas às gargalhadas. Então não me entendeis?

70. Disseste que o lírio verde é um remédio eficaz contra a gota. De onde vos veio essa idéia, tendo em vista que, desperto, não a sabíeis?

Resp. – Servi-me dele outrora.

71. Foi, portanto, numa outra existência?

Resp. – Sim, e fez-me mal.

72. Se vos fizessem uma pergunta indiscreta, ver-vos-íeis constrangido a respondê-la?

Resp. – Oh! é muito forte; tentai.

73. Assim, tendes perfeito livre-arbítrio?

Resp. – Mais que vós.

Observação – Em muitas ocasiões a experiência tem provado que o Espírito, isolado do corpo, conserva sempre a sua vontade e não diz senão o que quer. Compreendendo melhor o alcance das coisas, é mesmo mais prudente e discreto do que quando se acha desperto. Quando diz uma coisa, é que julga útil dizê-lo.

74. Teríeis tido a liberdade de não vir quando vos chamamos?

Resp. – Sim; livre de sofrer as conseqüências.

75. Quais seriam essas conseqüências?

Resp. – Se me recusar a ser útil aos meus semelhantes, principalmente quando tenho perfeita consciência de meus atos, sou livre, mas sou punido.

76. Que gênero de punição sofreríeis?

Resp. – Seria necessário vos desvelar o código de Deus, e isso seria muito longo.

77. Se neste momento alguém vos insultasse, dizendo coisas que, desperto, não suportaríeis, qual o sentimento que experimentaríeis?

Resp. – O desprezo.

78. Então não procuraríeis vingar-vos?

Resp. – Não.

79. Fazeis uma idéia da posição que ireis ocupar entre os Espíritos, quando lá estiverdes completamente?

Resp. – Não; isto não é permitido.

80. No estado atual em que vos achais, credes que o Espírito possa prever a morte do corpo?

Resp. – Algumas vezes. Contudo, se tivesse que morrer de repente, *sempre* teria tempo de a ele voltar.

Conselhos de Família

Certamente nossos leitores se lembram do artigo que publicamos no mês de setembro último, sob o título de *Uma Família Espírita*. As comunicações seguintes são muito semelhantes. Com efeito, são conselhos ditados numa reunião íntima, por um Espírito eminentemente superior e benevolente. Distinguem-se pelo encanto e pela doçura do estilo, a profundidade dos pensamentos e, além disso, por matizes de extrema delicadeza, apropriados à idade e ao caráter das pessoas a quem eram dirigidas. O Sr. Rabache, negociante de Bordeaux, que serviu de intermediário, houve por bem autorizar a sua publicação. Só podemos felicitar os médiuns que obtêm coisas semelhantes. É uma prova de que têm simpatias felizes no mundo invisível.

Castelo de Pechbusque, novembro de 1859.

(Primeira sessão)

Foi perguntado ao Espírito protetor da família se ele podia dar alguns conselhos aos membros presentes; ele respondeu:

Sim. Tenham confiança em Deus e procurem instruir-se nas verdades imutáveis e eternas que lhes ensina o livro divino da Natureza. Ele contém toda a lei de Deus, e os que sabem ler e o compreendem são os únicos a seguirem o verdadeiro caminho da sabedoria. Que nada do que vejam seja negligenciado, porquanto cada coisa traz em si um ensinamento e deve, pelo uso do raciocínio, elevar a alma para Deus e dele aproximá-la. Em tudo quanto ferir a inteligência, procurem sempre distinguir o bem do mal: o primeiro, para o praticar; o segundo, para o evitar. Antes de formular um julgamento, voltem sempre o pensamento para o ETERNO, *que os guiará ao bem*, E NÃO OS ENGANARÁ JAMAIS.

(Segunda sessão)

Boa-noite, meus filhos. Se me amais, procurai instruir-vos; reuni-vos muitas vezes com este pensamento. Ponde vossas idéias em comum: é um excelente meio, pois em geral não comunicamos senão as coisas que julgamos boas; temos vergonha das más. Assim, são guardadas em segredo ou só são comunicadas aos que queremos tornar cúmplices. Distinguem-se os bons dos maus pensamentos, porque os primeiros podem, sem nenhum receio, ser transmitidos a todo o mundo, ao passo que os últimos não poderiam, sem perigo, ser comunicados senão a alguns. Quando vos vier um pensamento, para julgar de seu valor perguntai-vos se podeis torná-lo público sem inconveniente e se não fará mal: se vossa consciência vo-lo autorizar, não temais, vosso pensamento é bom. Dai-vos mutuamente bons conselhos, tendo em vista somente o bem daquele a quem os dais, e não o vosso. Vossa recompensa estará no prazer que experimentareis por terdes sido úteis. A união dos corações é a mais fecunda fonte de felicidades; e, se muitos homens são infelizes, é que só procuram a felicidade para si mesmos. Ela lhes escapa precisamente porque julgam encontrá-la somente no egoísmo. Digo a felicidade e não a fortuna, porquanto esta última só tem servido como sustentáculo à injustiça, e o objetivo da existência é a justiça. Se a justiça fosse

praticada entre os homens, o mais afortunado seria aquele que realizasse maior soma de boas obras. Se, pois, quiserdes tornar-vos ricos, meus filhos, praticai muitas ações boas. Pouco importam os bens do mundo; não é a satisfação da carne que se deve buscar, mas a da alma. Aquela é efêmera; esta é eterna.

Por hoje é bastante. Meditai estes conselhos e esforçai-vos para pô-los em prática: aí se encontra o caminho da salvação.

(Terceira sessão)

Sim, meus filhos, eis-me aqui. Tende confiança em Deus, que jamais abandona os que fazem o bem. Aquilo que julgais um mal, por vezes só o é em relação às vossas concepções. Muitas vezes, também, o mal real vem apenas de um desânimo ocasionado por uma dificuldade, que a calma de espírito e a reflexão teriam evitado. Assim, refleti sempre e, como já vos disse, reportai tudo a Deus. Quando experimentardes qualquer pesar, longe de vos abandonar à tristeza, ao contrário, resisti e fazei todo esforço para triunfar, pensando que nada se obtém sem trabalho, e que algumas vezes o sucesso faz-se acompanhar de dificuldades. Invocai em vosso auxílio os Espíritos benevolentes. Eles não podem, como vos ensinam, fazer boas obras em vosso lugar, nem obter coisa alguma de Deus para vós, pois é preciso que cada um ganhe, por si mesmo, a perfeição a que todos estamos destinados; mas podem inspirar-vos o bem, sugerir-vos conduta conveniente e ajudar-vos com o seu concurso. Não se manifestam ostensivamente, mas no recolhimento. Escutai a voz da vossa consciência, lembrando-vos de meus conselhos precedentes. Confiança em Deus, calma e coragem.

(Quarta sessão)

Boa-noite, meus filhos. Sim, é preciso continuar as sessões, até que um médium se manifeste, para substituir o que deve deixar-vos. O seu papel de iniciador entre vós está cumprido:

continuai o que começastes, porque também servireis um dia à propagação da verdade que, neste momento, é proclamada no mundo inteiro pelas manifestações espíritas. Persuadi-vos, meus filhos, de que, em geral, o que se entende na Terra por Espírito, não é Espírito senão para vós. Depois que esse Espírito, ou alma, separa-se da matéria grosseira que o envolve, para vós não tem mais corpo, porque vossos olhos materiais não mais o vêem. Mas é sempre matéria, relativamente aos que são mais elevados que ele. Para vós, crianças, vou fazer uma comparação muito imperfeita, mas que, no entanto, poderá dar-vos uma idéia da *transformação* a que chamais, impropriamente, de morte. Imaginai uma lagarta, que vedes diariamente. Quando se esgota o tempo de sua existência nesse estado ela se *transforma* em crisálida; passa ainda algum tempo como tal e depois, chegado o momento, despoja-se de seu invólucro grosseiro e dá origem a uma borboleta, que voa. Ora, a lagarta, ao deixar sua natureza inferior, representa o homem que *morre*; a borboleta simboliza a alma que se *eleva*. A lagarta arrasta-se no chão, a borboleta voa para o céu; mudou de matéria, mas ainda é material. Se a lagarta raciocinasse não veria a borboleta que, entretanto, teria saído da carapaça apodrecida da crisálida. Portanto, o corpo não pode *ver* a alma, mas a alma, envolvida pela matéria, tem consciência de sua existência e o próprio materialista por vezes o sente interiormente. Então seu orgulho o impede de concordar e fica com sua ciência sem crença, sem se elevar, até que finalmente lhe chegue a *dúvida*. Nem tudo, porém, está acabado, porque nele a luta é maior. Será apenas uma questão de tempo, porque, meus amigos, lembrai-vos de que todos os filhos de Deus foram criados para a perfeição. Felizes os que não perdem tempo pelo caminho. A eternidade compõe-se de dois períodos: o da prova, que poderia chamar-se de incubação, e o da eclosão, ou entrada na vida verdadeira, que chamais a felicidade dos eleitos.

(Quinta sessão)

Meus Caros filhos, vejo com satisfação que começais a refletir nos avisos e conselhos que vos dou. Sei que para o atual

desenvolvimento de vossa inteligência, há, simultaneamente, muito assunto para reflexão; contudo, devo aproveitar a ocasião que se apresenta, porquanto, dentro de alguns dias esse meio não mais estará à minha disposição, e era necessário ferir a vossa imaginação de maneira a vos sugerir o desejo de continuar as vossas sessões, até que algum de vós pudesse substituir o médium atual. Espero que essas poucas sessões, sobre as quais vos incito a meditar demoradamente, terão bastado para vos despertar a atenção e o desejo de aprofundar mais esse vasto campo de investigações. Tomai por regra jamais buscar a satisfação da vã curiosidade e, sim, de vos instruir e de vos aperfeiçoar. É inútil vos preocupardes com a diferença que possa existir entre o que vos ensinarei e o que sabeis ou julgais saber. Cada vez que vos for dada uma instrução, perguntai se é justa e se responde às exigências da consciência e da equidade. Quando a resposta for afirmativa, não vos inquieteis por saber se concorda com o que vos tiver sido dito. Que vos importa isto! O importante é o justo, o consciencioso e o eqüitativo: tudo quanto reúne essas condições é de Deus. Obedecer a uma boa consciência, não fazer senão coisas úteis, evitar todas quanto, não sendo más, não tenham utilidade – eis o essencial; porque fazer algo de inútil já é fazer o mal. Evitai escandalizar, mesmo pelo vosso aperfeiçoamento: há situações em que a simples vista de vossa mudança pode produzir um mau efeito; assim, por exemplo, a luz do dia não poderia, sem perigo, ferir de súbito a vista de um homem encerrado num cárcere escuro. Que o vosso progresso, então, não seja entregue à investigação, senão conforme vos aconselhar a sabedoria. Aperfeiçoai-vos sempre; só o vereis quando for tempo. Aqueles para quem escrevo este conselho o compreendem, sem que eu tenha de ser mais explícito. Sua consciência lhes dirá.

Coragem, pois, e perseverança! São as únicas leis do sucesso.

Observação – O último conselho não poderia ter aplicação geral. Evidentemente o Espírito teve um objetivo

especial, como ele próprio o disse; do contrário, poderíamos enganar-nos quanto ao sentido e o alcance de suas palavras.

As Pedras de Java

Bruxelas, 9 de dezembro de 1859.

Senhor Diretor,

Li na *Revista Espírita* o fato relatado por *Ida Pfeiffer* sobre as pedras caídas em Java, na presença de um oficial superior holandês, com o qual estive muito ligado em 1817, pois foi ele quem me emprestou suas pistolas e serviu de testemunha em meu primeiro duelo. Chamava-se Michiels, de Maestricht, e tornou-se general em Java. A carta que relatava o fato acrescentava que essa queda de pedras, na habitação isolada do distrito de Chéribon, não durou menos de doze dias, sem que as sentinelas postas pelo general tivessem algo descoberto, nem ele também, durante todo o tempo em que lá ficou. Essas pedras, formadas de uma espécie de pedra-pomes, pareciam criadas no ar, a alguns pés do teto. Com elas o general mandou encher vários cestos; os habitantes vinham buscá-las para fazer amuletos e mesmo remédios. Este fato é muito conhecido em Java, pois se repete com muita freqüência, sobretudo as *cusparadas de siri*. Várias crianças foram perseguidas a pedradas em campo raso, sem serem atingidas. Dir-se-ia que os Espíritos farsistas se divertiam em amedrontar as pessoas. Evocai o Espírito General Michiels; talvez ele vos explique o fato. O Dr. Vanden Kerkhove, que durante muito tempo morou em Java, confirmou-me, como vos afirmo, que vossa Revista torna-se cada dia mais interessante, mais moralizadora e mais procurada em Bruxelas.

Aceitai,

Jobard

O conhecido caráter da Sra. Ida Pfeiffer, o cunho de veracidade que marca todos os seus relatos não nos deixam nenhuma dúvida quanto à realidade do fenômeno em questão; mas compreende-se toda a importância que a ela vem juntar-se a carta do Sr. Jobard, pelo depoimento da principal testemunha ocular encarregada de verificar o fato, e que não tinha o menor interesse em fazê-lo acreditado, se o tivesse reconhecido falso. Em primeiro lugar, a natureza esponjosa dessa chuva de pedras poderia fazer atribuí-la a uma origem vulcânica ou aerolítica, e os cétricos não deixariam de dizer que a superstição havia tomado o lugar de um fenômeno natural. Se não contássemos senão com o testemunho dos javaneses, a suposição seria fundada, e as pedras, caindo em campo raso, viriam sem dúvida em apoio dessa opinião. Mas o General Michiels e o Dr. Vanden Kerkhove não eram malaios, e sua afirmação tem valor. A essa consideração, por si só muito forte, é preciso acrescentar que as pedras não caíam somente em pleno ar, mas no quarto onde parece que se formavam, a alguma distância do teto: é o general quem o afirma. Ora, imaginamos que jamais se tenham visto aerólitos se formarem na atmosfera de um quarto. Admitindo a causa meteorológica ou vulcânica, o mesmo não se poderia dizer das *cusparadas de siri*, que os vulcões jamais vomitaram, pelo menos de nosso conhecimento. Afastada essa hipótese pela própria natureza dos fatos, resta saber como tais substâncias puderam ser formadas. Encontraremos sua explicação em nosso artigo do mês de agosto de 1859, sobre o *Mobiliário de Além-túmulo*.

Correspondência

Toulouse, 17 de dezembro de 1859.

Meu caro Senhor,

Acabo de ler vossa resposta ao Sr. Oscar Comettant, cujo artigo havia lido. Se esse folhetinista céptico, atoleimado e

trocista não se convenceu pelas boas razões que lhe destes, poderia pelo menos reconhecer em vossa resposta a urbanidade do estilo, totalmente ausente da sua prosa. As digressões insossas com que tinha temperado as evocações me pareciam do espírito maligno; os lamentos com que se referia aos dois francos que havia custado a sonata, bem mereciam que a Sociedade lhe votasse um socorro de dois francos. Pensais bem, meu caro senhor Allan Kardec, pois sou um espírita por demais ardente para ter deixado sem resposta um artigo em que era citado e posto em causa. Por minha vez, escrevi também ao Sr. Oscar Comettant; no dia seguinte à recepção de seu jornal ele recebeu a seguinte carta:

“Senhor,

Tive o prazer de ler vosso folhetim de quinta-feira: Variedades. Como me põe em causa, já que sou citado nominalmente, peço que me concedais permissão para tecer algumas considerações a respeito, que aceitareis, assim como aceitei as espirituosas digressões com que adornastes o relatório das evocações de Mozart e de Chopin. Que quereis gracejar com esse artigo humorístico? O Espiritismo? Enganar-vos-íeis redondamente se julgásseis causar-lhe o mais leve dano. Na França, a princípio faz-se gracejos, depois se julga e só se concedem as honras das piadas às coisas verdadeiramente grandes e sérias, livres de com elas concordar após o exame que merecem.

Se o Sr. Ledoyen é tão ávido e interesseiro quanto quereis fazer crer, ele vos deve ser extremamente reconhecido por terdes querido, num folhetim de onze colunas, assegurar o sucesso de uma de suas modestas publicações. É a primeira vez que um artigo tão importante sobre o Espiritismo é publicado num grande jornal. Por esse artigo um tanto tumultuado, vejo que o Espiritismo já é levado em consideração por seus próprios inimigos. Dir-vos-ei, confidencialmente, que os Espíritos nos alertaram que também se servem dos inimigos para o triunfo de sua causa. Assim, não tendes

senão que vos manter em guarda, se não vos quizerdes transformar em *apóstolo, mau grado vosso*.

Não vedes no Espiritismo mais que charlatanismo moral e comercial. Nós outros, futuros inquilinos do hospício, nele encontramos a solução de uma porção de problemas contra os quais a Humanidade se debatia há muitos séculos, a saber: o *reconhecimento* raciocinado de Deus em todas as suas obras materiais e espirituais; a certeza da imortalidade e da individualidade da alma, provada pelas manifestações dos Espíritos; a ciência das leis da justiça divina, estudada nas diversas encarnações dos Espíritos, etc., etc. Se nos déssemos ao trabalho de aprofundar um pouco esses assuntos, poderíamos ver que se acham acima de todos os sarcasmos e de todas as zombarias. Por mais que nos considereis sonhadores e alucinados, todos diremos, em lugar do *E pur si muove* de Galileu: Todavia, Deus está lá!

Rogo aceiteis, etc.

Brion d'Orgeval

Primeiro baixo da ópera cômica do teatro de
Toulouse, ex-pensionista do Sr. Carvalho.”

Observação – Não é de nosso conhecimento que o Sr. Oscar Comettant tenha publicado esta resposta, bem como a nossa. Ora, atacar sem admitir a defesa não é um combate leal.

Bruxelas, 23 de dezembro de 1859.

“Meu caro colega,

Venho submeter-vos algumas reflexões etnográficas sobre o mundo dos Espíritos, com a intenção de corrigir uma opinião assaz generalizada, mas, a meu ver, muito errada no que respeita ao estado do homem após a sua espiritualização.

Imagina-se erroneamente que um imbecil, um ignorante, um bruto, torna-se imediatamente um gênio, um sábio, um profeta, desde que deixou seu casulo. É um erro análogo ao de quem admitisse que um celerado, liberto da camisa de força, iria tornar-se honesto; um tolo ficará esperto e um fanático raciocinará, tão-somente porque transpuseram a fronteira do mundo espiritual.

Não é nada disso. Levamos conosco todas as nossas *conquistas* morais, nosso caráter, nossa ciência, nossos vícios e virtudes, à exceção dos que se prendem à matéria: os coxos, os zarolhos e os corcundas não mais o são; mas os velhacos, os avaros e os supersticiosos ainda o são. Não é, pois, de admirar que ouçamos os Espíritos a pedir preces, desejar que façamos as peregrinações que haviam prometido e, mesmo, que se descubra o que haviam escondido, a fim de dá-lo à pessoa a quem o haviam destinado e que a indicam exatamente, estando ela encarnada.

Em suma, o Espírito que tinha um desejo, um plano, uma opinião, uma crença na Terra, quer vê-los realizados. Assim, Hahnemann exclamava: “Coragem, meus amigos, minha doutrina triunfa; que satisfação para minha alma!”

Quanto ao Dr. Gall, sabeis o que ele pensa de sua ciência, assim como Lavater, Swedenborg e Fourier, o qual me disse que seus alunos haviam truncado a sua doutrina, querendo ultrapassar a fase do *garantismo*, que ele me felicita por continuar.

Numa palavra, todos os Espíritos que professam uma religião, uma idolatria ou um cisma, por convicção, persistem nas mesmas crenças, até serem esclarecidos pelo estudo e pela reflexão. Tal é o móvel de minhas preocupações neste momento, e evidentemente é um Espírito lógico que as dita, porque, há uma hora, não pensava senão em recolher-me ao leito e acabar a leitura do excelente opúsculo da Sra. Henry Gaugain, sobre os piedosos preconceitos dos baixo-bretões contra as novas invenções.

Continuando vossos estudos, reconheceréis que o mundo de Além-Túmulo nada mais é que a imagem daguerreotipada deste, que, como sabeis, encerra Espíritos malignos como o diabo, e maus como os demônios. Não é de admirar que as pessoas simples se enganem e interditem todo comércio com eles, o que as priva da visita dos bons e grandes Espíritos, menos raros lá em cima do que aqui embaixo, pois os há de todos os tempos e em todos os lugares, e estes só nos querem dar bons conselhos e nos fazer o bem, enquanto sabeis com que repugnância e com que cólera os maus respondem ao apelo forçado. Mas o maior, o mais raro de todos os Espíritos, aquele que vem apenas três vezes durante a vida de um globo, o Espírito Divino, o Espírito Santo, enfim, não obedece às evocações dos pneumatólogos; vem quando quer, *spiritus flat ubi vult*, o que não quer dizer que não envie outros para lhe preparar o caminho.

A hierarquia é uma lei universal, *tudo é como tudo*, aliás como entre nós. O que mais retarda o progresso das boas doutrinas, que a perseguição não deixa avançar, é o falso respeito humano.

Há muito tempo teria o magnetismo triunfado se o Sr. X. e o Sr. N., em vez de darem o nome e o endereço das pessoas para referências, como dizem os ingleses, houvessem dito: Quem é esse Sr. M., que se esconde? Aparentemente, um mentiroso. E esse Sr. J.? Um farsista, ou, antes, um ser em quem não se deve confiar, porquanto não se oculta nem se mascara senão para fazer mal e mentir.

Hoje, que as academias finalmente já aceitam o magnetismo e o sonambulismo, primos-irmãos do Espiritismo, é necessário que seus partidários se disponham a assumi-lo com todas as letras. O medo *do que dirão* é um sentimento covarde e mau.

A ação de subscrever aquilo que se viu, que se crê, não deve mais ser considerada como um traço de coragem. Deveis, pois, persuadir vossos adeptos a fazerem o que sempre tenho feito: assinar.

Jobard

Observação – Estamos perfeitamente de acordo em todos os pontos com o Sr. Jobard. Inicialmente, suas observações sobre o estado do Espírito são perfeitamente exatas. Quanto ao segundo ponto, como ele, aspiramos ao momento em que a dúvida *do que dirão* não deterá mais ninguém. Mas, que quereis? É preciso levar em conta a fraqueza humana. Uns começam, e o Sr. Jobard terá o mérito de ter dado o exemplo. Ficai certos de que outros seguirão quando virem que se pode pôr o pé de fora sem ser mordido. Para tudo é preciso tempo. Ora, o tempo chega mais depressa do que pensa o Sr. Jobard. A reserva que temos na publicação dos nomes é motivada por razões de conveniência, pelo que não temos, até o momento, senão que nos felicitar; mas enquanto esperamos, constatamos um progresso muito sensível na coragem de opinião. Diariamente vemos pessoas que, há bem pouco tempo ainda, apenas ousavam confessar-se espíritas; hoje o fazem abertamente nas conversas e sustentam teses sobre a doutrina, sem se preocuparem minimamente com os epítetos grosseiros com que as presenteiam. É um passo imenso: o resto virá. Eu o disse no começo: Mais alguns anos e se verá uma nova mudança. Em pouco tempo dar-se-á com o Espiritismo o que se deu com o magnetismo: até há bem pouco tempo, não era senão entre quatro paredes que se ousava dizer que se era magnetizador; hoje é um título que honra. Quando estiverem perfeitamente convencidos de que o Espiritismo não queima, dir-se-ão espíritas, sem mais receio do que se dizer frenologista, homeopata, etc. Estamos num momento de transição e as transições jamais se fazem bruscamente.

Boletim

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 2 de dezembro de 1859 – Sessão particular

Leitura da ata da sessão de 25 de novembro.

Pedidos de admissão – Cartas do Sr. L. Benardacky, de São Petersburgo, e da Sra. Elisa Johnson, de Londres, que pedem para fazer parte da Sociedade como membros titulares.

Comunicações diversas – Leitura de duas comunicações dadas ao Sr. Bouché, antigo reitor da Academia, médium escrevente, pelo Espírito duquesa de Longueville, a respeito da visita que esta última acaba de fazer, como Espírito, a Port-Royal-des-Champs. Essas duas comunicações são notáveis pelo estilo e elevação dos pensamentos. Provam que certos Espíritos revêem com prazer os lugares onde viveram e experimentam o encanto da saudade. Sem dúvida, quanto mais desmaterializados, menos importância dão às coisas terrenas, mas alguns ainda se ligam a elas por muito tempo após a morte, parecendo continuar, no mundo invisível, as ocupações que tinham neste mundo ou, pelo menos, tomando certo interesse por elas.

Estudos:

1º Evocação do Sr. conde Desbassyns de Richmont, falecido em junho de 1859 e que, há mais de dez anos, professava idéias espíritas. Essa evocação confirma a influência de tais idéias sobre o desprendimento do Espírito após a morte.

2º Evocação da Irmã Martha, morta em 1824.

3º Segunda evocação do Sr. conde de R... C..., membro da Sociedade, retido em sua casa por uma indisposição, seguida de perguntas que lhe são dirigidas sobre o isolamento momentâneo do Espírito e do corpo durante o sono. (Publicada neste número).

Sexta-feira, 9 de dezembro – Sessão geral

Leitura da ata da sessão de 2 de dezembro.

Comunicações diversas – O Sr. de la Roche transmite notícias sobre notáveis manifestações ocorridas numa casa de Castelnauary. Os fatos são relatados na nota que precede o relato da evocação ocorrida e que será publicada.

Estudos:

1º Evocação do rei de Kanala (Nova Caledônia), já evocado a 28 de outubro, mas que então havia escrito com muita dificuldade e prometera exercitar-se para escrever de modo mais legível. Dá curiosas explicações sobre a maneira empregada para se aperfeiçoar. (Será publicada com a primeira evocação).

2º Evocação do Espírito de Castelnauary. Manifesta-se por sinais de viva cólera, sem nada poder escrever; quebra sete ou oito lápis, vários dos quais são lançados com força sobre os assistentes, e sacode violentamente o braço do médium. São Luís dá informações interessantes sobre o estado e a natureza desse Espírito que, diz ele, é da pior espécie e está numa das mais infelizes situações. (Será publicada com todas as outras comunicações relativas ao assunto).

3º Quatro comunicações espontâneas são obtidas simultaneamente: a primeira, de São Vicente de Paulo, pelo Sr. Roze; a segunda, de Charlet, pelo Sr. Didier Filho, dando seqüência ao trabalho iniciado pelo mesmo Espírito; a terceira, de Melanchthon, pelo Sr. Colin; e a quarta de um Espírito que deu o nome de Mikael, protetor das crianças, pela Sra. de Boyer.

Sexta-feira, 16 de dezembro de 1859 – Sessão particular

Leitura da ata.

Admissões – São admitidos como membros titulares: O Sr. L. Benadacky, de São Petersburgo e a Sra. Elisa Johnson, de Londres, apresentados a 2 de dezembro.

Pedidos de admissão – O Sr. Forbes, de Londres, oficial engenheiro, e a Sra. Forbes, de Florença, escreveram pedindo para fazer parte da Sociedade como membros titulares. Relatório e decisão adiados para o dia 30 de dezembro.

Designação de seis comissários que deverão revezar-se em serviço nas sessões gerais até 1^a de abril, sem que haja necessidade de designar um deles para cada sessão. Terão, além disso, a incumbência de assinalar as infrações que os ouvintes estranhos possam cometer contra o regulamento, por ignorarem as exigências da Sociedade, a fim de advertir os membros titulares que lhes houverem dado cartas de apresentação.

Por proposta do Sr. Allan Kardec, a Sociedade decide que, doravante, o Boletim da Sociedade será publicado em suplemento da Revista, para que o mesmo não prejudique as matérias habituais do jornal. Em consequência dessa adição, cada número será aumentado de cerca de quatro páginas, cujas despesas correrão por conta da Sociedade.

O Sr. Lesourd propõe que quando houver cinco sessões num mês, a quinta seja consagrada a uma sessão particular. (Adotado).

O mesmo membro também propõe que quando um novo membro for admitido, seja oficialmente apresentado aos outros membros da Sociedade, a fim de que não venha como um estranho. (Adotado).

O Sr. Thiry observa que Espíritos sofredores muitas vezes reclamam o socorro da prece, para lhes suavizar as penas; mas, como podem ser perdidos de vista, propõe que em cada sessão o Presidente lhes lembre os nomes. (Adotado).

Comunicações diversas:

1º Carta do Sr. Jobard, de Bruxelas, confirmando, com detalhes circunstanciados, o fato das manifestações de Java, relatadas pela Sra. Ida Pfeiffer e publicadas na Revista de dezembro. Ele as obteve do próprio general holandês, ao qual estava ligado e que era encarregado de vigiar a casa onde as coisas se passavam, sendo, conseqüentemente, testemunha ocular. (Publicada neste número).

2º Leitura de uma comunicação do Espírito de Castelnaudary, obtida pelo Sr. e pela Sra. Forbes, ouvintes da última sessão. São fornecidos detalhes circunstanciados e interessantes sobre esse Espírito, bem assim os acontecimentos que se passaram na casa em questão. Várias outras comunicações foram dadas sobre o mesmo assunto e serão reunidas às obtidas na Sociedade e publicadas quando a série estiver completa.

3º Leitura de uma notícia sobre a Sra. Xavier, médium vidente. Esta senhora não vê à vontade, mas os Espíritos se apresentam a ela espontaneamente. Apesar de não estar em sonambulismo nem em êxtase, em certos momentos fica num estado particular que reclama maior calma e muito recolhimento, de tal forma que, interrogada quanto ao que vê, aquele estado se dissipa imediatamente e ela não vê mais nada. Como conserva uma lembrança completa, mais tarde poderá dar-se conta do que viu. Foi assim, por exemplo, que, entre outras, viu a Irmã Martha, no dia em que foi evocada e a descreveu de maneira a não deixar nenhuma dúvida sobre a sua identidade. Na última sessão ela também viu o Espírito de Castelnaudary, vestindo uma camisa rasgada, um punhal na mão, as mãos ensangüentadas, a sacudir fortemente o braço do médium, durante suas tentativas para escrever, a cada vez que São Luís aparecia e lhe ordenava que escrevesse. Tinha uma espécie de sorriso embrutecido nos lábios. Depois, quando lhe falaram de prece, a princípio parece que não compreendeu; mas, logo depois da explicação dada por São Luís, precipitou-se de joelhos.

O rei de Kanala lhe apareceu com a cabeça de um branco; tinha os olhos azuis, bigodes e costeletas grisalhas, mãos de negro, braceletes de aço, um costume azul, o peito coberto por uma porção de objetos que ela não pôde distinguir bem. “Esta aparência – disse ele – deve-se ao fato de, entre a existência anterior, da qual falou, e a última, ter sido ele soldado na França, ao tempo de Luís XV. Era uma conseqüência de seu estado relativamente adiantado. Pediu para voltar entre seu povo, a fim de, como chefe, ali introduzir as idéias de progresso. A forma que tomou e a aparência meio selvagem, meio civilizada, são destinadas a vos mostrar, sob nova face, as que o Espírito pode dar ao perispírito, com um fim instrutivo e como indício dos diferentes estados pelos quais passou.”

A Sra. X... ainda viu os Espíritos evocados virem responder à evocação e às perguntas, que nada tinham de repreensível quanto ao seu objetivo e, à ordem de São Luís, retirarem-se para que os Espíritos presentes respondessem em seu lugar, já que as perguntas tomavam um caráter insidioso. “A maior boa-fé e a maior franqueza deviam ditar as perguntas; nenhuma intenção dissimulada – acrescenta o Espírito interrogado a respeito pelo marido daquela senhora – nos escapa; jamais procureis atingir o vosso objetivo por caminhos tortuosos, pois assim o perdereis infalivelmente.”

Ela via uma coroa fluídica cingir a cabeça do médium, como para indicar os momentos durante os quais era interdito aos Espíritos não chamados de se comunicarem, porque as respostas deveriam ser sinceras; mas desde que a coroa era retirada, via todos os Espíritos intrusos a disputar, de algum modo, o lugar que lhes deixavam.

Enfim, viu o Espírito Sr. conde de R... sob a forma de um coração luminoso invertido, unido a um cordão fluídico que vinha de fora. Primeiro, disse ele, era para nos ensinar que o

Espírito pode dar a seu perispírito a aparência que quiser e, depois, porque poderia ter havido o inconveniente, para a médium, de encontrar-se frente a frente com um Espírito encarnado, que tivesse visto como Espírito desprendido. Mais tarde esse inconveniente terá diminuído ou desaparecido.

Estudos:

1º Evocação de Charlet.

2º Três comunicações espontâneas são obtidas simultaneamente: A primeira, de Santo Agostinho, pelo Sr. Roze. Explica a missão do Cristo e confirma um ponto muito importante, explicado por Arago, sobre a formação do globo; a segunda, de Charlet, pelo Sr. Didier Filho (continuação do trabalho começado); e a terceira, de Joinville, que assina em velha ortografia: Amy de Loys, pela Srta. Huet.

Sexta-feira, 23 de dezembro de 1859 – Sessão geral³

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 16 de dezembro.

Pedidos de admissão – Cartas dos Srs. Demange e Soive, negociantes em Paris, apresentados como membros titulares. Relatório e decisão adiados para a sessão de 30 de dezembro.

Comunicações diversas:

1º Leitura de uma evocação particular, feita pela Sra. de B..., do Espírito que por ela se comunicou espontaneamente na Sociedade, sob o nome de Paul Miffet, no momento em que ia reencarnar-se. Essa evocação, que apresenta um interessante quadro da reencarnação e da situação física e moral do Espírito nos primeiros instantes de sua vida corporal, será publicada.

³ **N. do T.:** No original consta o ano de 1854. Torna-se evidente, porém, que é 1859.

2^o Carta do Sr. Paul Netz, sobre os fatos que determinaram a posse, pelos Cartuxos, das ruínas do castelo de Vauvert, situado no bairro do Observatório, em Paris, ao tempo de Luís IX. Diz-se que no castelo se passavam cenas diabólicas, que cessaram desde que os monges ali se instalaram. Interrogado sobre esses fatos, São Luís respondeu que deles tem perfeito conhecimento, mas que se tratava de charlatanice.

Estudos:

1. Perguntas e problemas morais diversos, dirigidos a São Luís sobre o estado dos Espíritos sofredores. (Serão publicados).

2. Evocação de John Brown.

Três comunicações espontâneas: a primeira, pelo Sr. Roze, assinada pelo Espírito de Verdade, contendo diversos conselhos à Sociedade; a segunda, de Charlet, pelo Sr. Didier Filho (continuação do trabalho começado); e a terceira, sobre os Espíritos que presidem às flores, pela Sra. de B...

Allan Kardec

Nota – A nova edição de *O Livro dos Espíritos* aparecerá em janeiro.